

OPINIÃO

A manutenção da vida em tragédias da natureza

Marco Juarez Reichert (*)

Conceito

A maioria de nós já passou por uma situação emergencial, como uma doença repentina de algum familiar próximo ou de nós mesmos, um acidente, um equipamento que quebrou ou a perda do emprego, algo bem comum, dentre tantas outras possibilidades. A consequência é que temos que desembolsar algum valor, que pode ser bem significativo e que nem sempre dispomos de tais recursos. Nenhuma novidade até aqui. Mas, como fazer para poder contar com um valor que cumpra esta necessidade? A resposta, de forma bem simples e objetiva, é: acumulando uma reserva de emergência, como primeira medida financeira e desde o seu primeiro salário ou renda. Sim, desde que você passou a receber algum valor pelo seu trabalho. Para pessoas de baixíssima renda estas recomendações não se aplicam, na maioria das vezes, já que mal sobrevivem com toda a renda auferida se é que recebem.

Nossa formação escolar não costuma nos preparar para a gestão financeira em nossas vidas. Salvo algumas poucas iniciativas, não é o que se observa de forma geral, infelizmente. Uma reserva de emergência deverá ser capaz de arcar, por um certo tempo, com todas as despesas mensais que temos e precisamos para manter a mesma vida digna que vínhamos tendo, exceto as extravagâncias. Estas são dispensáveis e podemos viver sem elas.

Enquanto não houver atingido este objetivo, não é hora de pensar em investimentos, como mercados de ações, derivativos e criptomocedas. Nem mesmo a troca de carro por uma versão mais nova. A hora é de guardar. Depois de conquistar sua meta, aí pode pensar em investir.

Tempo para formar uma reserva de emergência

Pergunta recorrente: Para quantos meses esse “pulmão” deve ser capaz de nos manter? Cada um de nós tem o seu tempo. De uma forma geral, as recomendações ficam entre seis e doze meses. Depende da empregabilidade nossa. Se você acredita, firmemente, que levaria no máximo doze meses para conseguir outro emprego equivalente, então este é o período que sua reserva deverá atender. Tragédias da natureza – sem falar da culpa da população e de seus gestores públicos – como a que assolam o sul do Brasil neste maio de 2024, a exemplo, é um caso em que a maioria das pessoas não tem nenhum recurso com esse objetivo e como isso faz falta agora e fará até que consigam outra fonte de renda. Muitos dos empregos na região deixaram de existir da noite para o dia. Claro que a maioria mal tinha para suas necessidades básicas, muitos nem para isso. Entretanto, muitos foram os microempresários que perderam tudo. Como viverão até colocarem em marcha uma nova atividade? A reserva de emergência é para esse tipo de imprevisibilidade também.

Lições para formar sua reserva financeira de emergência

1. Consciência

Se não tivermos a compreensão dessa medida de prevenção, ela não vai funcionar. Você guarda parte do seu ganho por dois ou três meses e depois desconsidera a possibilidade de que algo ruim possa, realmente, lhe acontecer? Não se pode dar chance para o azar. Ele costuma aparecer para os desprevenidos.

2. Disciplina

Estando firme no propósito de cumprir seu objetivo e com uma meta clara, desafiante e atingível, restrinja seu gasto mensal a um percentual constante do seu salário. De 10% a 30%. Se for demasiado, do quanto puder. Ter a disciplina de aplicar em si mesmo é fundamental. Quando receber seu salário, considere que você tem uma obrigação, como se fosse um débito de conta automática. Ela precisa ser reservada nesse momento. Se você recebe um salário de 3 mil reais por mês, deveria reservar de 300 reais (mínimo) a 900 reais, mensalmente, sem falhar. Se puder mais, melhor ainda. Aqui está o maior desafio. Seus gastos, que até então somavam 3 mil reais a cada mês, agora não poderão ser maiores do que este valor, deduzido da parcela que você vai guardar, religiosamente. O seu gasto total, a partir de agora, deverá caber neste

novo valor líquido.

Outro aspecto que requer forte disciplina: não tocar nesta reserva para fazer novos gastos. Uma vez que ela estiver formada, precisa ser mantida.

3. Redução dos gastos

Pode doer para se reduzir gastos, principalmente para quem recebe salários menores. Para começar, é preciso listar todos os gastos mensais, sem exceção. Aqueles de menor importância e mesmo dispensáveis, são os primeiros que devem ser eliminados. Digamos que você, de classe média, costuma passar um final de semana por mês em uma pousada. Tente diminuir a frequência. Ande mais de metrô e menos de automóvel ou aplicativo. Quem sabe um restaurante mais barato? Precisa tomar quatro cervejas no final de semana? Não poderiam ser apenas duas? Você tem um combo de internet, TV e telefonia fixa e digital? Precisa mesmo de tudo isso? Alguém já dizia que somos fruto de nossos atos.

4. Tipo de aplicação financeira

Diferentemente de um investimento (longo prazo), a reserva de que estamos tratando não tem a rentabilidade como uma grande preocupação. O que realmente importa é a sua liquidez. O prazo para sacar o valor que você acumulou para este fim deve ser imediato – D+0 ou D+1 (no próprio dia, ou no dia seguinte). Se o que você guardou para uma situação emergencial não puder ser sacado em um dia útil, sua escolha de aplicação foi equivocada, pois perdeu a finalidade.

Outro quesito básico é a segurança do seu capital. Por esta razão é recomendável que se aporte em alguma modalidade de renda fixa. Como algumas opções bem conhecidas, temos o CDB, a poupança e o Tesouro Selic.

CDB e Poupança estão assegurados pelo Fundo Garantidor de Crédito, até o valor de 250 mil reais, por CPF, por instituição financeira. Se optar por um CDB em alguma Cooperativa de Crédito, a segurança é a mesma, mas do Fundo Garantidor do Cooperativismo Financeiro (FGCOOP). A poupança não tem incidência de Imposto de Renda (IR), já o CDB tem. Em termos de remuneração, a poupança é a pior opção de todas, pois paga apenas 70% da taxa Selic. Os CDB são pagos por uma taxa (CDI) que, praticamente, acompanha a taxa Selic. Então o mínimo que alguém deveria fazer, é optar por um CDB que remunere o mais próximo possível de 100% do CDI. Valores pequenos aplicados não conseguem boas taxas, mas à medida que o total investido vai ganhando corpo, o poder de negociação aumenta e se consegue taxas um pouco melhores. Mas, atenção: procure bem as opções, inclusive quanto às taxas que a instituição financeira cobra para você aplicar nesta opção. Mesmo com o IR, seu CDB (com mínimo de 100% do CDI) terá rendimento superior ao pago pela poupança. Ressalta-se que a Selic do Tesouro Direto pode ser a melhor escolha, já que é a modalidade mais segura de todas (risco soberano do país), superior mesmo ao FGC. Sobre o Tesouro Selic, valem as mesmas regras de IR de um CDB. Se sacar em menos de seis meses, o rendimento será tributado em 22,5%, chegando ao mínimo de 15%, se aplicado por pelo menos 720 dias. Esta modalidade do Tesouro Direto também tem liquidez imediata.

As informações acima são baseadas na experiência deste autor e fica a recomendação de que elas sirvam apenas para orientação. Cada um deve se informar para saber aquilo que melhor lhe sirva.

Feita a reserva de emergência, devidamente aplicada em alguma instituição financeira, siga com a disciplina de não tocar nela, salvo extrema necessidade. Doravante, inicie um plano de investimentos para seu futuro, onde você vai procurar diversificar seus investimentos, tendo feito uma boa avaliação do seu perfil. Bom planejamento de vida!

(*) CTO e cofundador da Diferente. Com mais de quinze anos de experiência em desenvolvimento de software, gerenciamento de projetos e liderança, é formado em Sistema de Informação pela Universidade Federal do Paraná e já foi professor na mesma instituição.

Controle estratégico dos principais ectoparasitas do rebanho

Solução revoluciona o controle de carrapatos, moscas dos chifres, berne, bicheira e moscas dos estábulos, oferecendo uma solução inovadora aos pecuaristas

Os ectoparasitas representam uma ameaça significativa ao rebanho bovino brasileiro, causando impactos econômicos substanciais, com perdas estimadas em US\$6,8 bilhões anuais (GRISI et al., 2014). Entre os principais ectoparasitas que afetam o gado estão o carrapato (*Rhipicephalus microplus*), a mosca dos chifres (*Haematobia irritans*), o berne (larvas da mosca *Dermatobia hominis*), a bicheira (larvas da mosca *Cochliomyia hominivorax*) e a mosca dos estábulos (*Stomoxys calcitrans*).

Os prejuízos determinados por esses ectoparasitas resultam tanto de sua ação direta, como irritação, espoliação de sangue e tecidos nos animais parasitados, quanto dos efeitos indiretos, relacionados aos custos de tratamento, transmissão de doenças e danos ao couro. A irritação dos animais parasitados promove menor bem-estar, dispêndio de energia, menor ingestão de alimentos, interferindo negativamente no desempenho. Na tentativa de se livrarem das infestações os bovinos gastam energia, com movimentos constantes da cabeça, cauda, pernas – coices e batidas dos pés no solo – e até mesmo devido a maior atividade do sistema imune. Aliado a isso, a menor ingestão de alimentos prejudica o desempenho reprodutivo e produtivo, afetando diretamente a rentabilidade da pecuária.

Desta forma, o primeiro passo para combater esse desafio no campo é conhecer melhor como se comportam estes ectoparasitas. Com relação ao ciclo de vida, eles possuem uma fase que ocorre nos animais (hospedeiros) denominada Fase Parasitária, e outra fase que ocorre no ambiente chamada Fase Não Parasitária.

“No caso do carrapato, a Fase Parasitária se inicia quando os estágios jovens (larvas) se instalam e fixam-se nos hospedeiros para se alimentarem e desenvolverem os estágios adultos machos e fêmeas. As fêmeas adultas são denominadas teleóginas (no campo são costumeiramente chamadas de ma-



monas ou jabuticabas). Ao final da fase parasitária, que tem duração média de 21 dias em condições normais, as teleóginas repletas de sangue e ovos, destacam-se dos hospedeiros e caem no solo, onde buscam locais protegidos da luz solar direta, iniciando a fase não parasitária do ciclo de vida que culmina com o surgimento no ambiente de novas larvas infestantes. Assim, após chegarem ao solo as teleóginas passam por um período de descanso antes de iniciar a postura dos ovos que futuramente originarão novas larvas infestantes. Como toda a fase não parasitária ocorre no ambiente a mesma é fortemente influenciada pelas condições climáticas, especialmente a temperatura e a umidade relativa do ar médias. Assim, o período de descanso antes do início da postura pode ser tão curto quanto 2 dias ou tão longo quanto 90 dias. O período de incubação dos ovos também pode variar tremendamente, ocorrendo entre 15 a 201 dias. Uma vez incubados, os ovos eclodirão e surgirão as larvas infestantes, que necessitam de um determinado período para adquirirem a capacidade de infestar os animais. A sobrevivência dessas larvas no ambiente também é impactada pelas condições climáticas, sendo mais curta

durante épocas quentes e mais longa em temperaturas amenas. Então de acordo com as variações climáticas durante o ano teremos variações na intensidade das infestações.” explica Marcos Malacco, médico-veterinário gerente de serviços veterinários para bovinos da Ceva Saúde Animal.

Como citado, a fase não parasitária é fortemente impactada pelas condições ambientais. Quando estas condições são mais favoráveis ocorrem picos de infestações chamados gerações ou ondas de carrapatos e no Brasil, de maneira geral, ocorre de 3 a 4 destes eventos durante o ano. Em algumas regiões onde a umidade relativa do ar e as temperaturas médias são mais altas podem surgir até 5 destas gerações.

“Devemos ter em mente que na análise global da população de parasitos, incluindo os carrapatos, pelo menos 95% das fases encontram-se no ambiente e apenas 5% encontram-se nos animais. Então, medidas que visem reduzir ao máximo possível a população parasitária no ambiente devem ser tomadas e elas fazem parte do que chamamos de controle estratégico integrado de parasitos”, afirma o profissional

Franquias de agronegócios levam tecnologias e inovações para atender demandas especializadas

O agronegócio é a principal locomotiva da economia brasileira e representa cerca de 25% do PIB do país. Segundo estudo do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), que analisa a evolução da produção de grãos até 2030, a produtividade continuará sendo o principal fator impulsionando o crescimento da produção de grãos nos próximos dez anos, com expectativa da produção crescer mais (26,9%) do que a área plantada (16,9%). Os expressivos números atraem cada vez mais os empreendedores que enxergam nesse cenário excelentes oportunidades de negócios, inclusive no franchising.

Com o aumento de acesso à tecnologia e demanda por serviços cada vez mais especializados, as franquias agro encontram espaço para crescimento, pois conseguem atender às necessidades do setor em todas as regiões do Brasil.

Para Vinicius Barreto, especialista em franquia e vice-presidente da vertical Scale UP da 300 Ecosystema de Alto Impacto, trazer o agro para o franchising é uma união muito poderosa como forma de expandir e criar marcas fortes no setor. “Há um movimento crescente, especialmente entre as microfranquias, onde o valor de investimento é menor, para atender serviços na área do agro”, diz Barreto.

É o caso da Naval Fertilizantes, empresa especializada em produtos biológicos, nutrição e tecnologia de aplicação para lavouras. Presente no mercado desde 2014, a marca entrou para o franchising em junho deste ano com modelo de negócio a partir de R\$ 83.100,00. A estratégia de expansão de



Luís Schiavo, CEO e fundador da empresa, visa ampliar a atuação no país e ser a porta de entrada para os trabalhadores que exercem funções relacionadas ao agronegócio virarem empreendedores. “O modelo de franquias permite levar a estes profissionais que atuam no campo um formato de negócio consolidado, testado, com alta rentabilidade e com o know-how necessário para empreender, além de oferecer condições comerciais competitivas, por se tratar de uma rede”, destaca o executivo.

Para se tornar um franqueado da Naval Fertilizantes não é necessário ser agrônomo ou técnico agrícola, mas é primordial ter vivência do campo para atuar de forma consultiva em sua microrregião. “O Brasil tem dimensões continentais, com características específicas em cada região e com diferentes culturas de negócios. Por isso, o modelo de franquias encaixa muito bem nesse contexto, pois o franqueado detém o conhecimento da região e a confiança

do produtor rural”, pontua Schiavo.

Para quem deseja empreender no segmento, Barreto acredita que as franquias de concessão de crédito, insumos agrícolas, prestação de serviços de agronomia e pulverização por drones são tendências promissoras para o setor. “O mercado de franchising no agro deve crescer muito nos próximos anos, tanto a procura de empreendedores querendo formar um modelo de negócio, como pessoas optando por franquias, principalmente nas regiões em que o agronegócio é forte”, aponta o especialista.

“Há um aumento mundial no consumo de alimentos e a área de plantio que temos hoje está saturada, por isso não vai suprir a demanda. A tecnologia em genética de plantas, aliadas a fertilizantes especiais será o caminho para aumentar a produção dentro da mesma área de plantio, viabilizando as franquias no agronegócio”, finaliza Schiavo.